

19

APONTAMENTOS

de Arqueologia e Património

ABR 2026

NA

NÚCLEO
DE INVESTIGAÇÃO
ARQUEOLÓGICA

ERA
ARQUEOLOGIA

***A**PONTAMENTOS*

de Arqueologia e Património

19

ABRIL

2026



ÍNDICE

EDITORIAL	07	Cláudia Maio, Ana Rita Silva, Tiago Nunes, Rita Dias, Lucy Shaw Evangelista A POPULAÇÃO DE VILA NOVA DE PORTIMÃO DO SÉCULO XVI-XVII: OS RESULTADOS DA INTERVENÇÃO ARQUEOLÓGICA DO ADRO DA IGERJA DA NOSSA SENHORA DA CONCEIÇÃO	63
Rui Ramos ANTA 2 DO ZAMBUJAL (MONTEMOR-O-NOVO): RESULTADOS DA ESCAVAÇÃO ARQUEOLÓGICA	09	Victor M. Gonçalves González, Raquel Fernandes ENTRE MUSEOGRAFIA E CONSERVAÇÃO: DESMONTAGEM DE SISTEMAS EXPOSITIVOS RÍGIDOS EM PAINÉIS DE AZULEJARIA ISLÂMICA DO MUSEU CALOUSTE GULBENKIAN	71
António Carlos Valera O RECINTO DE FOSOS DE SÃO BRÁS 3 (SERPA) E O SEU CONTEXTO PERIFÉRICO À LUZ DAS ESCAVAÇÕES DE 2025 (PROJECTO <i>NUCLEUS</i>)	15	Joana Fanico, Patrícia Mestre ENTRE ESTÉTICA E MATÉRIA: UMA INTERVENÇÃO DE CONSERVAÇÃO E RESTAURO NO TETO DO SALÃO NOBRE DO PALÁCIO MARQUÊS DE POMBAL	79
Helena Gomes, Ana Rita Silva, Manuel Fialho Silva Rita Dias, Lucy Shaw Evangelista VESTÍGIOS DE UMA POSSÍVEL NECRÓPOLE ISLÂMICA NO NÚCLEO HISTÓRICO DE LAGOS: DADOS ARQUEOLÓGICOS E ANTROPOLÓGICOS	33	Mara Beatriz Agosto AGAINST (A SOLELY) HUMAN PAST: DEEP ECOLOGY AND ITS CONSEQUENCES FOR ARCHAEOLOGICAL THOUGHT IN A MULTISPECIES ANTHROPOCENE	89
Anabela Sá, Ever Calvo CASTELO E FORTALEZA DE JUROMENHA: UMA PRIMEIRA ABORDAGEM À INTERVENÇÃO ARQUEOLÓGICA NO ÂMBITO DO PROJECTO DE CONSERVAÇÃO, RESTAURO E RECONSTRUÇÃO DAS SUAS MURALHAS	43		
Cláudia Maio, Diana Dinis, Lucy Shaw Evangelista UM CASO DE AMPUTAÇÃO NA RUA ANTÓNIO LOURO, SÃO DOMINGOS DE RANA	57		



EDITORIAL

*“Vemos, ouvimos e lemos. Não podemos ignorar.”
[Cantata da Paz, Sophia de Mello Breyner Andresen]*

Dizia há tempos Slavoj Žižek que nos estamos a colocar à margem dos processos de investigação, escrita e leitura. Sublinhava que cada vez mais se vai pedindo à Inteligência Artificial (IA) que faça a recolha e análise de dados, que escreva o artigo, para que alguém a seguir, em vez de o ler, lhe peça para fazer um resumo do mesmo. Em suma, vamos abreviando e paradoxalmente exteriorizando às nossas produções. A uma “morte do autor” (que não a de Roland Barthes) junta-se agora também a morte do leitor. Ou melhor, autor e leitor são o mesmo.

Também há dias José Pacheco Pereira, no Público, distinguia uma velha ignorância, baseada na insuficiente escolaridade e baixa qualificação profissional, de uma nova ignorância, de gerações escolarizadas, mas iludidas e progressivamente desumanizadas pelo fascínio tecnológico de contornos patológicos. Um pouco antes, académicos reclamavam a expulsão da IA do ensino universitário.

Do outro lado a visão oposta. “Artificial intelligence (AI) is changing the research landscape through automation, data analysis, and better decision-making in various ways that are of immense help to researchers in conquering obstacles and accelerating their discoveries. From literature search to data analysis, to design experiments and manuscript writing, AI-powered tools using robotics, machine learning (ML), and natural language processing (NLP) go a long way in facilitating easy research. Technology enhances efficiency by summarizing articles, recommending publications, and pointing researchers in the right path. [...]. Training and supporting policies are needed for skill shortages and to surmount resistance to change in order for full utilization of AI in research.” (Madanchian, M.; Taherdoost, H., 2025, The impact of artificial intelligence on research efficiency, Results in Engineering.26).

É fácil ver vantagens imediatas na IA, sobretudo ao serviço do mais, mais depressa, mais eficiente, mais barato. No entanto, programas internacionais de avaliação de conhecimentos estão a registar, desde 2010, um declínio na nossa capacidade de utilizar competências cognitivas, com uma erosão do raciocínio, da memória e da concentração provocada pela submissão tecnológica.

António Carlos Valera

ENTRE MUSEOGRAFIA E CONSERVAÇÃO: DESMONTAGEM DE SISTEMAS EXPOSITIVOS RÍGIDOS EM PAINÉIS DE AZULEJARIA ISLÂMICA DO MUSEU CALOUSTE GULBENKIAN.

Victor M. Gonçalves González¹
Raquel Fernandes¹

Resumo

A musealização da azulejaria histórica recorreu, ao longo do século XX, a soluções expositivas rigidamente estruturadas, frequentemente concebidas para garantir estabilidade e legibilidade imediatas. No entanto, a aplicação destes sistemas a materiais cerâmicos com comportamentos físicos sensíveis pode introduzir condicionantes significativas à sua conservação a médio e longo prazo.

O presente estudo analisa a desmontagem de sistemas expositivos rígidos aplicados a um conjunto de painéis de azulejaria islâmica do Museu Calouste Gulbenkian, montados em molduras metálicas preenchidas com argamassas cimentícias e redes de aço soldadas. A intervenção permitiu caracterizar os materiais constitutivos do sistema, identificar patologias associadas à sua rigidez estrutural e avaliar os riscos inerentes à sua remoção.

Os resultados evidenciam uma predominância de fissuras no corpo cerâmico, associadas à elevada aderência das argamassas ao tardo, bem como a existência de danos estruturais parcialmente ocultos pelo próprio sistema de montagem. Para além da mitigação de riscos imediatos, a desmontagem revelou-se um instrumento fundamental para a produção de conhecimento sobre a história material e museográfica dos painéis.

O estudo sublinha a necessidade de reavaliar criticamente soluções expositivas não reversíveis aplicadas à azulejaria histórica, defendendo a adoção de sistemas compatíveis, desmontáveis e adaptáveis, capazes de articular exigências museográficas com os princípios da conservação e restauro.

Palavras-chave: azulejaria islâmica; museografia; sistemas expositivos; conservação e restauro; desmontagem; Museu Calouste Gulbenkian.

Abstract:

Between Museography and Conservation: Dismantling of Rigid Display Systems in Islamic Tile Panels at the Calouste Gulbenkian Museum

Throughout the twentieth century, the musealisation of historic tile panels frequently relied on rigid display systems designed to ensure immediate stability and legibility. However, when applied to ceramic materials with sensitive physical behaviour, such systems may introduce significant constraints on their medium- and long-term conservation.

This paper analyses the dismantling of rigid display systems applied to a group of Islamic tile panels from the Calouste Gulbenkian Museum. These panels were mounted in steel frames filled with cement-based mortars and welded metal meshes. The intervention allowed for the characterisation of the mounting system materials, the identification of pathologies related to structural rigidity, and the assessment of risks associated with their removal.

The results reveal a predominance of fissures in the ceramic body linked to the high adhesion of cement mortars to the tile backs, as well as the presence of structural damage partially concealed by the mounting system itself. Beyond risk mitigation, dismantling proved to be a fundamental tool for generating knowledge about the material and museographic history of the panels.

The study highlights the need to critically reassess non-reversible display solutions applied to historic tile collections and advocates for compatible, demountable, and adaptable systems capable of reconciling museographic requirements with conservation and restoration principles.

Keywords: Islamic tilework; museography; display systems; conservation and restoration; dismantling; Calouste Gulbenkian Museum.

¹ Era Arqueologia SA.

1. Introdução

A integração de painéis azulejares históricos em contextos museográficos constitui uma prática recorrente ao longo do século XX, particularmente em museus que procuraram conciliar a exposição permanente de conjuntos cerâmicos com uma leitura arquitetónica coerente e estável. Muitas dessas soluções foram concebidas num contexto em que a durabilidade estrutural e a fixação definitiva dos elementos eram entendidas como garantias de conservação, refletindo paradigmas técnicos e museográficos hoje amplamente revistos no campo da conservação e restauro.

A experiência acumulada nas últimas décadas tem demonstrado que determinadas opções construtivas, consideradas adequadas no momento da sua implementação, introduzem condicionantes significativas à conservação a médio e longo prazo. A utilização de sistemas rígidos e não reversíveis, frequentemente associados a estruturas metálicas e a argamassas cimentícias, revelou-se particularmente problemática no caso da azulejaria histórica, cujos materiais constitutivos apresentam comportamentos higrotérmicos e mecânicos incompatíveis com soluções excessivamente rígidas (Ashurst e Dimes, 1998; Rodrigues e Henriques, 2004).

Neste contexto, propõe-se uma reflexão a partir da análise de um conjunto de painéis de azulejaria islâmica pertencentes à coleção do Museu Calouste Gulbenkian, cuja musealização ocorreu no âmbito do planeamento e da construção do edifício do museu, entre 1960 e 1968, segundo projeto dos arquitetos Ruy Jervis d'Athouguia, Pedro Cid e Alberto Pessoa. A desmontagem recente destes painéis, realizada maioritariamente no contexto de uma requalificação museográfica, constituiu igualmente uma oportunidade para a sua conservação, estudo material e eventual circulação como objeto museológico, após várias décadas sem intervenções significativas.

2. Enquadramento museológico e histórico.

Durante grande parte do século XX, a musealização da azulejaria histórica foi marcada por uma forte valorização da estabilidade física e da integração arquitetónica dos painéis nos espaços expositivos. Em muitos contextos museológicos, a adoção de estruturas metálicas, redes de aço e argamassas de elevada resistência foi entendida como uma solução eficaz para garantir a fixação definitiva dos azulejos e a sua leitura formal contínua (Fig. 1).

No entanto, estudos dedicados à conservação de revestimentos cerâmicos demonstraram que a introdução de materiais excessivamente rígidos em sistemas originalmente concebidos para trabalhar com argamassas de cal ou suportes mais deformáveis pode gerar tensões internas significativas. As diferenças de comportamento higrotérmico entre a chacota cerâmica, as argamassas cimentícias e os elementos metálicos favorecem o aparecimento de fissuras, fraturas localizadas e fenómenos de destacamento, frequentemente agravados pela impossibilidade de acomodação dos movimentos naturais dos materiais

(Rodrigues e Henriques, 2004; Constâncio, Sequeira Braga e Silva, 2010).

Paralelamente, a irreversibilidade destes sistemas constitui um dos principais entraves à gestão sustentável da azulejaria musealizada. A remoção ou adaptação de suportes rígidos implica riscos acrescidos para a integridade das peças, exigindo metodologias de intervenção altamente controladas e uma ponderação cuidada dos critérios de decisão (Van Oosten et al., 2019; de Regt et al., 2019).

À luz dos princípios atualmente consagrados na teoria e na terminologia da conservação e restauro, tornou-se evidente a necessidade de rever criticamente estas práticas. A desmontagem controlada de sistemas inadequados é hoje entendida não apenas como uma operação técnica, mas como uma ferramenta fundamental para a compreensão dos mecanismos de degradação associados aos sistemas expositivos e para a definição de estratégias de conservação compatíveis com a natureza dos materiais cerâmicos (Brandi, 1963; ICOM-CC, 2008).



Figura 1 – Espaço expositivo do Museu Calouste Gulbenkian, evidenciando as soluções museográficas adotadas na década de 1960. Azulejos e tapetes no Museu Calouste Gulbenkian. Fotografia de ralmonline alm, Wikimedia Commons, licença Creative Commons Attribution 2.0 (CC BY 2.0)

3. Contexto do caso de estudo: a coleção de azulejaria islâmica do Museu Calouste Gulbenkian

A coleção de azulejaria islâmica do Museu Calouste Gulbenkian integra um conjunto significativo de painéis de produção otomana, maioritariamente associados à cerâmica Iznik, amplamente estudada do ponto de vista histórico-artístico e tecnológico (Denny, 2004; Keay, 2004). Para além do seu valor artístico, estes painéis apresentam um interesse particular do ponto de vista museográfico, na medida em que foram integrados de forma permanente nos espaços expositivos aquando da construção do museu (Fig. 2).

O conjunto analisado é constituído por dezoito painéis expostos, a que se somam seis painéis provenientes da reserva, todos montados segundo o mesmo sistema construtivo. Cada painel apresenta uma composição variável,

podendo integrar desde um único azulejo até conjuntos de maior complexidade, como o painel proveniente do dormitório do sultão do Palácio de Topkapi, composto por sete azulejos (Fig. 3).



Figura 2 – Retirada controlada dos painéis de azulejaria do suporte expositivo na sala do museu.

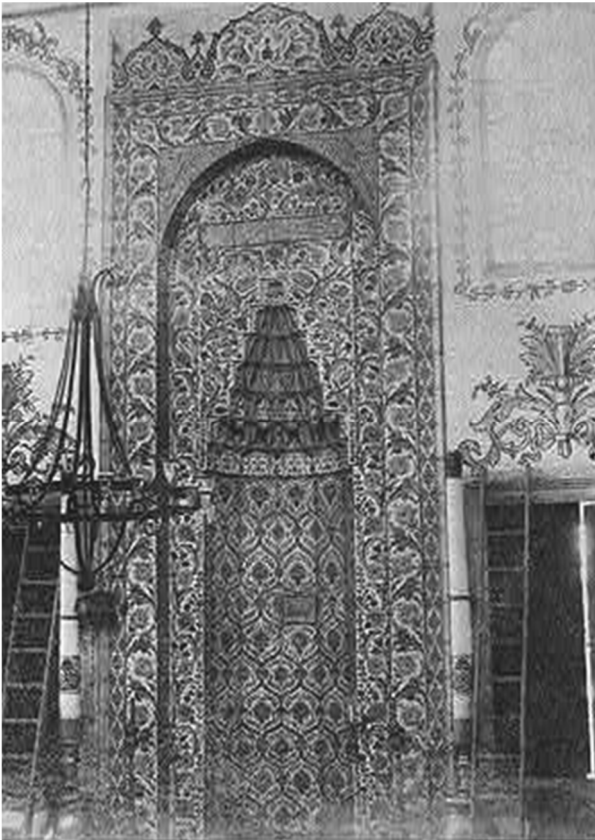


Figura 3 – Painel de azulejaria em contexto arquitetónico original, Library of Congress. The mihrab in the Piyale Paşa Camii (mosque). Prints and Photographs Division, reprodução n.º LC-DIG-cph-3b28677.

O sistema museográfico aplicado à coleção de azulejaria islâmica recorreu a um sistema rígido baseado numa moldura metálica em aço, com uma espessura total aproximada de cinco centímetros, preenchida com argamassa cimentícia. Uma rede metálica soldada à moldura assegurava a coesão

estrutural dos azulejos, encontrando-se embebida na argamassa. Em várias zonas, foram ainda identificadas aplicações de gesso, utilizadas para preencher interstícios perimetrais e juntas entre azulejos deixadas expostas pela composição dos painéis.

A desmontagem recente destes azulejos, realizada sobretudo no âmbito de uma requalificação museográfica, permitiu não apenas a libertação física dos painéis, mas também o acesso a informação material até então inacessível. A observação direta das superfícies de tardo e das interfaces de contacto revelou marcas de fabrico, antigos números de inventário e vestígios de diferentes campanhas de restauro, bem como mecanismos de degradação associados à rigidez do sistema de montagem, que em vários casos apenas se tornaram evidentes após a libertação dos azulejos da sua estrutura metálica.

4. Metodologia de intervenção

A metodologia adotada foi definida a partir da análise das soluções construtivas existentes e das condições materiais do conjunto, tendo em conta a natureza excepcional desta coleção de azulejos e as implicações decorrentes do sistema expositivo. Desde o início, optou-se por privilegiar uma abordagem centrada na observação direta, na documentação rigorosa e na desmontagem controlada de sistemas não reversíveis, considerados incompatíveis com a conservação a longo prazo dos azulejos (Fig. 4).

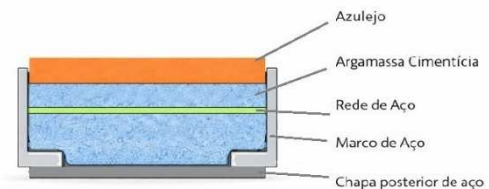


Figura 4 – Esquema sintético do corte transversal do sistema de montagem original dos painéis da coleção islâmica.

A intervenção iniciou-se com um levantamento exaustivo do estado de conservação dos painéis, incluindo registo fotográfico sequencial, mapeamento de patologias e identificação dos materiais constitutivos do sistema de montagem. A análise estratigráfica confirmou a presença de uma moldura metálica em aço, associada a enchimentos de argamassa cimentícia e a uma rede metálica soldada ao marco, elementos responsáveis pela elevada rigidez de toda a estrutura. Em zonas pontuais, foi ainda identificada a utilização de gesso, aplicado para regularizar interstícios perimetrais e juntas entre azulejos deixadas expostas pela composição dos painéis (Fig. 5).

A opção por não recorrer a análises laboratoriais adicionais fundamentou-se, por um lado, em constrangimentos de tempo associados ao calendário da intervenção e, por outro, no facto de a constituição do sistema de montagem estar bem documentada em fontes históricas e técnicas. Considerou-se,

assim, que a informação obtida através da observação direta e da documentação existente era suficiente para sustentar as decisões metodológicas adotadas, em consonância com abordagens aplicadas a contextos semelhantes (de Regt et al., 2019).



Figura 5 – Vista lateral de um painel após a remoção parcial da moldura metálica, evidenciando a espessura e a rigidez do sistema de montagem.

5. Intervenção e desmontagem dos sistemas rígidos

A intervenção dos painéis foi realizada de forma progressiva e faseada, com especial atenção à resposta dos azulejos durante a remoção dos suportes rígidos. O processo iniciou-se pela libertação dos elementos periféricos e pelo acesso à face posterior do sistema, permitindo a redução gradual das argamassas cimentícias a partir do tardo (Fig. 6).

Durante esta fase, verificaram-se diversos momentos críticos que exigiram a adaptação dos procedimentos inicialmente previstos. Em alguns casos, a aderência entre a argamassa cimentícia e a chacota cerâmica revelou-se particularmente elevada, dificultando a separação mecânica dos materiais. Nestas situações, recorreu-se a uma humectação persistente do cimento, combinada com a exposição a contrastes térmicos, de modo a facilitar a sua libertação sem introduzir esforços excessivos no corpo cerâmico. Em outros casos, o processo implicou a remoção progressiva do cimento, rebaixado manualmente a partir da face posterior até permitir a libertação segura dos azulejos (Fig. 7).

Ao longo da intervenção, foi necessária a consolidação pontual de alguns fragmentos instáveis, recorrendo a materiais compatíveis e correntemente utilizados na conservação de azulejos, selecionados com base em critérios de estabilidade e possibilidade de reversão (Ferreira, Delgado Rodrigues e Costa, 2019). Estas operações foram sempre limitadas ao estritamente necessário, de modo a não comprometer fases posteriores de conservação e estudo.

A eliminação integral dos sistemas rígidos permitiu não só a libertação física dos painéis, mas também o acesso às superfícies de tardo e às interfaces de contacto, possibilitando a recolha de informação até então inacessível. Foram identificadas marcas de fabrico, antigos números de inventário e vestígios de diferentes campanhas de restauro, testemunhando a história material e museológica dos azulejos ao longo do tempo (Fig. 8).

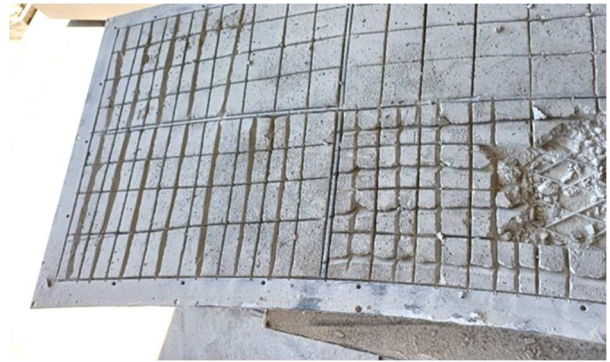


Figura 6 – Cortes realizados para fragilizar o enchimento, observando-se a moldura metálica, a argamassa cimentícia e a rede de aço associada.



Figura 7 – Remoção manual de argamassa cimentícia e gesso em torno dos azulejos durante a fase de libertação do sistema rígido.



Figura 8 – Remoção dos elementos de proteção e segurança durante a intervenção, permitindo o acesso controlado aos painéis e ao sistema de suporte.

6. Discussão dos resultados

Os resultados observados durante a intervenção nos azulejos evidenciam que os sistemas expositivos adotados aquando da construção do museu foram eficazes do ponto de vista da estabilidade imediata. No entanto, introduzem condicionantes significativas à conservação da azulejaria a médio e longo

prazo. A rigidez estrutural do conjunto, resultante da combinação de molduras metálicas, redes de aço soldadas e argamassas cimentícias, limita a capacidade de acomodação dos movimentos naturais da chacota cerâmica, favorecendo a concentração de tensões (Fig. 9).

Em termos de patologias, verificou-se uma predominância de fissuras no corpo cerâmico dos azulejos, associadas à elevada aderência das argamassas cimentícias ao tardo. Os destacamentos ocorreram apenas de forma pontual, enquanto as fraturas completas se limitaram a um número reduzido de peças. Importa salientar que, em vários casos, estas fraturas e fissuras apenas se tornaram claramente evidentes após a libertação dos azulejos da sua armadura metálica, sugerindo que o sistema rígido contribuía para ocultar danos estruturais já existentes.

A remoção controlada revelou-se, assim, não apenas um procedimento técnico de elevado risco, mas também uma ferramenta fundamental para a compreensão dos mecanismos de degradação resultantes das soluções de montagem adotadas. A informação recolhida reforça a necessidade de rever criticamente soluções expositivas baseadas em sistemas não reversíveis, particularmente quando aplicadas a materiais cerâmicos históricos, cujas características físicas exigem abordagens compatíveis e adaptáveis ao longo do tempo (Rodrigues e Henriques, 2004; Van Oosten et al., 2019) (Fig. 10).

7. Limitações do estudo

A abordagem desenvolvida no presente estudo apresenta algumas limitações que importa explicitar. Em primeiro lugar, a análise incide sobre um conjunto específico de painéis de azulejaria islâmica, integrado num contexto histórico e institucional concreto. Embora o sistema de montagem analisado seja representativo de práticas amplamente difundidas ao longo da segunda metade do século XX, as conclusões devem ser interpretadas à luz das particularidades deste caso de estudo.

Em segundo lugar, a opção por não recorrer a análises laboratoriais complementares condicionou a caracterização físico-química detalhada de alguns dos materiais constitutivos do sistema de montagem. Esta decisão esteve relacionada com constrangimentos de tempo associados à intervenção, bem como com o facto de a constituição do sistema se encontrar devidamente documentada em fontes históricas e técnicas, tendo sido considerada suficiente a informação obtida através da observação direta, do registo estratigráfico e da documentação existente.

Ainda assim, entende-se que estas limitações não comprometem a validade das conclusões apresentadas, antes sublinhando a importância de metodologias ajustadas às condições reais de intervenção e à necessidade de articular rigor técnico com viabilidade operacional em contexto museológico.

8. Contributos e implicações para a conservação e musealização da azulejaria

A intervenção analisada permite identificar contributos relevantes para a reflexão em torno da conservação da azulejaria histórica em contexto museográfico. Em particular, evidencia-se a necessidade de reavaliar criticamente soluções expositivas herdadas de paradigmas museológicos anteriores, cuja eficácia imediata nem sempre se traduz numa resposta adequada às exigências de salvaguarda a longo prazo.

Os resultados obtidos demonstram que a adoção de sistemas expositivos baseados em estruturas não reversíveis pode condicionar significativamente a preservação material dos azulejos, favorecendo a acumulação de tensões e a ocultação de danos estruturais. Neste sentido, a intervenção assume-se como uma ferramenta essencial não apenas para a mitigação de riscos imediatos, mas também para a compreensão aprofundada dos mecanismos de degradação associados a estes sistemas.

As observações realizadas sublinham igualmente a importância de uma maior articulação entre decisões museográficas e princípios da conservação e restauro. A implementação de sistemas museográficos deve ser entendida como um processo passível de revisão e adaptação ao longo do tempo, capaz de acomodar futuras intervenções sem comprometer a integridade material e a leitura histórica dos conjuntos cerâmicos.

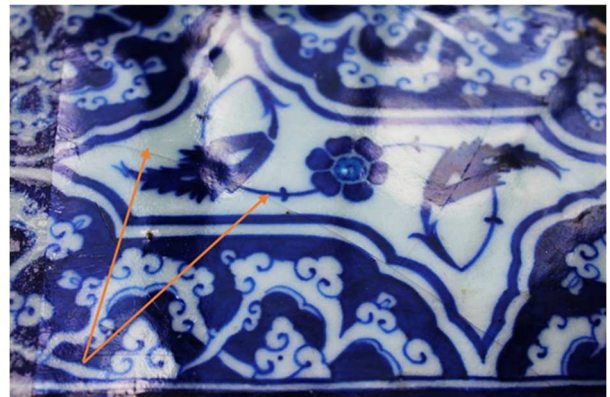


Figura 9 – Fissuras no vidrado e no corpo cerâmico dos azulejos.

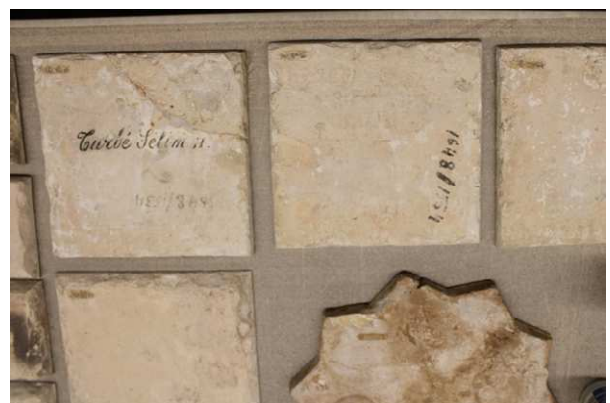


Figura 10 – Marcas históricas / tardo documentado

Considera-se, por fim, que a adoção de sistemas de suporte compatíveis, diferenciáveis e passíveis de desmontagem constitui uma condição fundamental para a gestão sustentável da azulejaria musealizada, contribuindo para uma abordagem mais equilibrada entre exposição, preservação e valorização patrimonial.

9. Considerações finais e perspectivas de investigação

O caso de estudo analisado permite concluir que determinadas opções museográficas, embora concebidas num contexto histórico específico e com objetivos legítimos de estabilidade e legibilidade, podem comprometer a conservação da azulejaria histórica a médio e longo prazo. A construção de sistemas expositivos intrinsecamente associados aos elementos culturais expostos, ao privilegiar soluções definitivas e estruturalmente fechadas, revela limitações significativas quando aplicada a materiais cerâmicos com comportamentos físicos e mecânicos sensíveis.

A remoção dos painéis estudados evidenciou não apenas os riscos associados a estes sistemas, mas também o seu potencial como fonte de informação material e histórica. A libertação dos azulejos permitiu revelar danos até então ocultos, bem como marcas e vestígios de intervenções anteriores, reforçando o valor da desmontagem controlada como instrumento de conhecimento no âmbito da salvaguarda.

Em termos prospetivos, considera-se pertinente aprofundar a investigação sobre soluções expositivas alternativas, baseadas em sistemas reversíveis e compatíveis, bem como avaliar o seu desempenho a médio e longo prazo. A articulação entre observação em contexto de intervenção e estudos laboratoriais poderá contribuir para o desenvolvimento de estratégias cada vez mais informadas e sustentáveis.

Em síntese, o estudo reforça a ideia de que as decisões museográficas desempenham um papel determinante na conservação da azulejaria histórica e que a integração dos princípios do restauro nas fases iniciais de conceção expositiva é fundamental para garantir a preservação e a transmissão deste património às gerações futuras (Fig. 11).

Bibliografia

- ASHURST, J.; DIMES, F. G. (1998) – Conservation of building and decorative stone. Oxford: Butterworth-Heinemann.
- BRANDI, C. (1963) – Teoria del restauro. Roma: Edizioni di Storia e Letteratura.
- BRITO, M. L. M. L. E. (2014) – Estudo do fabrico e da degradação dos azulejos: contributos para a conservação da azulejaria portuguesa. Tese de Doutoramento. Lisboa: Universidade de Lisboa.
- CARVALHO, M. M. R. C. R. A. (2021) – A arquitetura dos azulejos Iznik: dos edifícios otomanos ao Museu Calouste Gulbenkian. Trabalho de Projeto de Mestrado. Lisboa: Universidade de Lisboa.
- CONSTÂNCIO, C.; SEQUEIRA BRAGA, M. A.; SILVA, A. S. (2010) – Alteration of Portuguese glazed tiles in interior environments. *Journal of Cultural Heritage*, 11(2): 215-223.



Figura 11 – Azulejos após a libertação do sistema de suporte rígido, evidenciando o resultado da intervenção e a individualização dos elementos cerâmicos.

- DENNY, W. (2004) – Iznik: The pottery of Ottoman Turkey. Londres: Thames & Hudson.
- FERREIRA, T.; DELGADO RODRIGUES, J.; COSTA, D. (2019) – Adhesion of historic tile fragments in outdoor architectural settings. *Buildings*, 9(3): 72.
- HALLETT, J.; DENNY, W. (2012) – The reconstruction of an Iznik tile panel. *Muqarnas*, 29: 215-236.
- ICOM-CC (2008) – Terminology to characterize the conservation of tangible cultural heritage. Paris: ICOM-CC.
- KEAY, S. (2004) – Iznik pottery. Londres: British Museum Press.
- RODRIGUES, J. D.; HENRIQUES, F. M. A. (2004) – Conservation of ceramic tile façades. Lisboa: LNEC.
- VAN OOSTEN, T.; et al. (2019) – The conservation of glazed ceramic wall tiles: materials, methods and ethics. *Journal of Archaeological Science: Reports*, 24: 728-738.
- DE REGT, M.; et al. (2019) – The removal of rigid backing materials from historic ceramics. In: ICOM-CC 19th Triennial Conference Preprints. Paris: ICOM-CC.

OUTRAS PUBLICAÇÕES DA ERA ARQUEOLOGIA



Série ERA Arqueologia (2000 – 2008)



Série Perdigões Monográfica (2018 – 2026)



Série ERA Monográfica (2013 – 2025)



Publicação de workshops

